

Chinesa Spic compra participação em usinas a gás do Açu

RAMALHO André, "Chinesa Spic compra participação em usinas a gás do Açu". Valor Econômico. Rio de Janeiro, 11 de Agosto de 2020.

A chinesa State Power Investment Corporation, por meio da subsidiária Spic Brasil, assinou contrato para comprar 33% do complexo termelétrico do Porto do Açu, em São João da Barra (RJ). Com o negócio, previsto para ser sacramentado até o fim do ano, a multinacional estreia em geração a gás natural, no país, e se compromete a dividir investimentos com a Prumo Logística (do fundo EIG Global Energy Partners), Siemens e a BP, em um empreendimento de US\$ 5 bilhões.

O valor da transação é mantido em sigilo pelas partes. A estimativa é que a Spic entre com cerca de US\$ 1,65 bilhão no projeto, uma vez que a empresa assumirá um terço dos US\$ 5 bilhões que serão demandados para desenvolver o parque termelétrico do Açu, na íntegra - incluindo, nessa conta, o dinheiro já investido na primeira usina, em fase final de construção.

O complexo de geração a gás do Açu prevê a construção de quatro térmicas, que somam 6,4 gigawatts (GW) de capacidade instalada. A Spic vai incorporar ao portfólio no Brasil, assim, as usinas GNA I e GNA II, ambas já contratadas e que somam 3 GW. Além disso, a carteira de projetos da chinesa passa a contar com mais duas térmicas licenciadas: a GNA III e GNA IV. As duas primeiras unidades começarão a operar com gás natural liquefeito (GNL) importado, enquanto as duas seguintes devem utilizar o gás do pré-sal.

A presidente da Spic Brasil, Adriana Waltrick, destaca que a aquisição marca um "grande passo" na continuidade da trajetória de crescimento da empresa no país. "O Brasil é um país prioritário para nós", afirmou ao **Valor**.

A Spic possui um parque gerador de 151 GW, no mundo, sendo 1,7 GW no Brasil - por meio da hidrelétrica de São Simão (MG-GO), com 1.710 MW, e dos parques eólicos Millennium (10 MW) e Vale dos Ventos (48 MW), na Paraíba.

Segundo Adriana, a companhia segue de olho em novas oportunidades de expansão, seja por meio da aquisição de ativos existentes ou via participação em leilões. Além do desenvolvimento do projeto no Açu, a Spic mira o segmento de renováveis, soluções de armazenagem de energia, projetos híbridos de geração de energia e hidrelétricas de grande porte.

No complexo termelétrico do Açu, a Spic terá uma fatia de 33%, em sociedade com a GNA Infra (45%), joint venture formada pela Prumo Logística, BP e a Siemens. Além da participação indireta, por meio da GNA Infra, a Siemens possui, diretamente, mais 22% do complexo.

O presidente da Prumo, Tadeu Fraga, disse que as negociações vêm desde o ano passado, durante a cúpula do BRICs, no Brasil. Segundo ele, a chinesa ajudará não só com a entrada de capital novo no projeto. "Não estamos trazendo um sócio

financeiro, a Spic é um sócio estratégico que agrega capacidade para otimização de projetos, investimentos e custos”, disse.

O executivo disse que a chegada do novo sócio está em linha com o modelo de negócios da Prumo, de buscar parcerias para as empresas-âncoras que ajudam a desenvolver o Porto do Açú. Questionado se a dona do Açú tem a intenção de sair do capital da GNA, ele disse que por ora não. “Mas se em algum momento a entrada de um novo sócio se mostrar mais vantajosa para o desenvolvimento dos projetos de forma mais rápida, estamos abertos [a negociar]. Mas sem nenhuma pressa”, respondeu.

Fraga destacou ainda que a Prumo acompanha com atenção os desdobramentos da Nova Lei do Gás. Segundo o executivo, a segunda fase de investimentos da GNA - que prevê a construção de novas térmicas (GNA III e GNA IV), mas também unidades de processamento de gás e gasodutos “se insere muito bem dentro da abertura do mercado de gás no Brasil”.

A primeira usina do Açú, a GNA I (1,3 GW) está prevista para começar a operar no primeiro semestre de 2021, e a GNA II (1,7 GW) em 2023. As demais termelétricas dependem de novos leilões de energia. “Estamos permanentemente preparados para participar de futuros leilões”, disse.

Ele afirmou, ainda, que o Açú está se preparando também para entrar no mercado de energias renováveis. “Isso ganhou ênfase dentro dos nossos planos”, comentou.

André Ramalho é repórter do Valor Econômico.